

Um livro inteiro, "Metade cara, metade máscara": *a poeticidade da dor da retomada/reencontro em Eliane Potiguara*

Ketlen Lima de Souza
Universidade Federal do Acre
ketlima17@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5780-6214>

Selmo Azevedo Apontes
Universidade Federal do Acre
selmoapontes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8985-0762>

Durante muito tempo, tivemos grandes escritores que versaram sobre diversos assuntos, inclusive os assuntos indígenas. No entanto, por mais que se estuda para conhecer algumas culturas, essa produção indigenista, nem sempre consegue chegar ao âmago de um determinado conhecimento outro. Com raríssimas exceções, os autores indigenistas tatearam/tateiam os segredos culturais, avizinando-se do fundamento de uma epistemologia indígena. Agora, viceja uma mudança de paradigma, pululam produções realizadas pelos próprios representantes dos povos originários, os indígenas. Essa mudança de perspectiva a partir de dentro faz com que a perspectiva da narrativa mude... Deixaram de ser "fonte" de dados, de "objeto" de pesquisas, para serem sujeitos, coautores, e autores da exposição de seus conhecimentos milenares, de seus saberes, de suas ciências, de suas lutas, sabores e dissabores. Isso representa um ganho de leituras refinadas, ou perspectivas diferenciadas no registro a partir do outro, outrora excluído sistematicamente do poder discursivo. Assim, esses autores/narradores, donos das vozes em primeira mão cantam suas raízes, suas dores, seu exílio, suas diásporas externas e internas, os conflitos gerados pelos processos de tentativa de apagamentos epistêmicos originais, epistemicídios.

Um livro pode ser apenas um texto pessoal. Mas no caso da produção dos autores indígenas, um livro nunca versa somente sobre o "eu", e sim sobre o "eu coletivo = nós", o eu-povo, eu-etnia, o grande "eu" que só se funda na identidade do "nós". Por isso, o livro é um testemunho dos caminhos enfrentados pelos povos indígenas no processo de tentativa de apagamento sistematizado de seu processo identitário. E isso fez com que Eliane Potiguara reunisse, em um grande tecido, os vários fios do tempo do povo Potiguara, no processo físico e psicológico de enfrentamento desse grande projeto da mesmidade exploratória implantada no projeto do pensamento colonial.



Metade Cara, Metade Máscara da autora Eliane Potiguara, publicado no Rio de Janeiro pela Grumin Edições (Grupo de Mulheres – Educação Indígena), ano de 2019, na 3ª (terceira) edição, com 164 páginas, tem um trabalho gráfico rico em detalhes étnicos; é um conjunto de poesia, de luta e resistência, e denúncia da violência que povo Potiguara viveu e vivencia. O livro não destaca apenas a trajetória deste povo em si, mas, destaca, principalmente, como o papel dessas mulheres indígenas (principalmente da autora) é importantíssimo na continuidade dos povos indígenas por meio da (re)vivência da ancestralidade.

O livro é dedicado à Marcha das Mulheres Indígenas ocorrida no ano de 2019, em Brasília, e possui a apresentação de Ailton Krenak. Este grande intelectual indígena evidencia a importância da produção literária de *Metade Cara, Metade Máscara* como um marco na escrita feminina contemporânea indígena, assim como a relevância de Eliane Potiguara como herdeira de antigas tradições de afirmação étnica dos povos originários, com sua atuação em vários papéis para a resistência de seu povo.

O material também conta com o prefácio de Liane Schneider, professora de Letras/Inglês (UFP) com foco em literaturas contemporâneas, que compara Rita Joe, mulher indígena canadense da tribo Mi'kmaq com Eliane Potiguara, do Brasil. A professora relata que, apesar de contextos diferentes, os lugares de fala se assemelham: as duas atuando como vozes ativas dos povos nativos sobre as decisões que dizem respeito às suas próprias vidas. E assim, através da voz poética, buscam ressignificar a história/narrativa não contada, partindo da perspectiva destes povos originários.

Na sequência, o texto possui mais dois escritos: um, de Julie Dorrico; e o outro, de Ana Paula da Silva, respectivamente. A primeira afirma que a identidade literária de Eliane Potiguara é marcada por ancestralidade e resistência política, ao mesmo tempo que narra a trajetória de vida pessoal e coletiva que representa, de um lado, diáspora, exílio e escravização; do outro lado, resistência, redenção e esperanças indígenas. A segunda destaca a mobilidade forçada das mulheres indígenas que sofrem dupla violência: por serem mulheres e indígenas, representando a exclusão da exclusão.

A dinâmica do livro é composta de uma breve contextualização histórica. Na verdade, situa o leitor dentro da narrativa histórica não contada pelos invasores, ou traz relatos da jornada pessoal/familiar da autora. E ainda, em certos capítulos, mostra o quê/como o povo Potiguara se organizou, principalmente as mulheres, para se manterem vivas até os dias de hoje, reafirmando suas tradições e ancestralidade. A autora faz uso de dois personagens ao longo do livro: um casal que não luta apenas pelo direito de estarem juntos, mas pelo direito de todos os povos originários estarem juntos, vivendo com dignidade. E dessa forma, ela vai evidenciando os fios, as tranças a partir das quais foram elaboradas esse grande tecido cultural do nordeste indígena brasileiro.

O primeiro capítulo “Invasão às Terras Indígenas e a Migração: separação de Jurupiranga e Cunhataí efeitos da colonização para a família e a mulher, racismo e intolerância” destaca toda violência sofrida pelos povos indígenas durante a colonização

para o estabelecimento da “civilização” visando a expansão econômica do capitalismo europeu com base na exploração e extermínio dos que estavam nestas terras. A consequência disso: mortes, em sua maioria de homens, e fuga de mulheres com seus filhos para locais distantes. No entanto, esse exílio, essa diáspora não assegura nenhum tipo de garantia, pois não tinha como esconder o fato de serem índias, que de fato fica claro repetidas vezes, e é materializado em seu poema *Brasil, “Que faço com a minha cara de índia?”* (POTIGUARA, 2019, p. 32), escrito com tintas de sangue, sistematizando os efeitos do racismo, intolerância para com as mulheres indígenas. Sua identidade é seu próprio corpo, sua face identitária, que, por mais longe que se vá, sempre será “identificada”, “apontada”.

O capítulo seguinte, “Angústia e Desespero pela Perda das Terras e pela Ameaça à Cultura e às Tradições: dor e revolta de Jurupiranga e Cunhatí”, retrata a perda da terra que é a consequência principal da colonização e da neocolonização. Essa perda/expulsão da terra, posteriormente, acarreta vários outros tipos de violências, destacando-se a violência da experiência do racismo, por “saírem” de seus espaços sagrados e entrarem em contato forçado com a sociedade dominante que tenta eliminar de várias formas a ascendência e a descendência indígenas através da miscigenação. A terra é seu espaço sagrado. Mas “a terra sagrada é onde o indígena está”; por isso, a luta contra o projeto de apagamento proposto pela colonização e a tentativa de supressão identitária ocultado na mesmidade.

Outra preocupação gira em torno da cultura e tradições que constantemente são ameaçadas. A mulher indígena é responsabilizada pelo cuidado e a transmissão cultural às gerações futuras, assim como acontece em outras sociedades patriarcais. Um novo caminho encontrado por esse povo, especificamente pelas mulheres, foi a organização feminina para participação efetiva em conferências internacionais para denunciar todos os tipos de violência que elas sofriam. Outra forma de ação foi a criação da Rede Grumin de mulheres indígenas, que visa, igualmente, a denúncia da violação dos direitos indígenas das mulheres e dos direitos à saúde reprodutiva.

No terceiro capítulo “Ainda a Insatisfação e a Consciência da Mulher Indígena: revolta e desespero da Cunhataí”, a personagem principal ganha destaque e se torna um elemento significativo para a resistência das mulheres indígenas, por seu papel ativo, de mulher guerreira que se organiza para a vida. Simbolicamente, Cunhataí é retratada como a própria natureza que guarda a memória das tradições e mantém laços fortes com os antepassados, que luta contra todo o tipo de destruição do seu povo, da sua terra, e que não deixa de agir para encontrar seu companheiro. “*Porque não brinco com a esperança/ E vou vivendo a realidade/ Do passado e do presente/ Enquanto teu corpo ausente/ Chama pelo futuro verdade! / Clama por uma vida crescente!*” (POTIGUARA, 2019, p. 78)

Em “Influência dos Ancestrais na busca pela Preservação da Identidade: a importância da família, dos avós e dos antepassados indígenas”, ocorre uma reivindicação de espaço pelos povos indígenas para a preservação e vivência de suas identidades buscando

alicerçar o compromisso cultural e o pensamento indígena no conhecimento dos mais velhos, conseqüentemente, fortalecendo laços familiares estendidos, e certos valores que a sociedade dominante está perdendo ou se já possuíram um dia.

O feminino é tratado como uma força interna e transcendente que possui sua base na herança ancestral da família ou de uma cultura, com o intuito de cumprir a missão de passá-la adiante. O despertar da alma acontece por meio do conhecimento ancestral. Esse movimento não deve acontecer somente com as mulheres, mas igualmente com homens para que a parceria homem-mulher esteja seguindo os princípios dos direitos humanos. A força ancestral é o que nos faz perceber os pontos negativos do processo em que estamos envolvidos e, a partir desse reconhecimento, lutar contra.

A pajelança é a maior expressão de defesa dos direitos e da propriedade intelectual indígenas. Como cita a autora, ser líder espiritual, em qualquer lugar, cultura ou tradição, significa estar conectado consigo mesmo, o que remete a nossas culturas e espiritualidades tradicionais; o poder de fazer com que o cérebro e o espírito relembrem dos ensinamentos ancestrais, elementos espirituais passados de pais/mães para filhos/filhas. Aqueles que trazem consigo uma natureza iluminada terão uma educação voltada para a espiritualidade, focando na trajetória espiritual individual tanto quanto coletiva, assim permitindo expandir essa energia espiritual para toda a comunidade exercendo a cura. O ato da cura é doação, e envolve um ciclo de morte e vida, de criação e de arte exclusivamente indígena.

Pele de Foca é uma metáfora, é um poema, é a vida encontrado novo brilho: “*A luz se abriu e a minha pele de foca voltou a se umedecer*” (POTIGUARA, 2019, p.94). Eliane Potiguara encontra algumas respostas em *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés (1999). Ela cita uma problematização que vem da tentativa de minimização da cosmovisão indígena através do antagonismo “ego versus alma” da cultura branca dominante. Ao incentivar cada indígena a se fortalecer individualmente e internamente, faz com que estes busquem, nas raízes ancestrais, saídas coletivas para vida do povo indígena. Nesse processo de fortalecimento, o feminino indígena ganha destaque e importância, pois encontra-se na mulher indígena a sabedoria de estar mais aberta para o aprofundamento interior e da busca da ancestralidade.

Perceber-se neste ponto do livro que a descoberta da escritora Clarissa Pinkola faz emergir o processo de consciência individual de sua trajetória, da sua vida como prática de luta que atravessou várias dores: pessoa de origem indígena, mulher, de família pobre, migrante dos territórios indígenas por ação violenta da neocolonização algodoeira, vítima pelo racismo ambiental e pelo racismo contra as mulheres que serviam de objeto sexual para colonos, que, apesar de tudo, ao incorporar os ensinamentos das mulheres de sua família, soube encontrar caminhos para o enfrentamento consciente.

Partindo do individual para o coletivo, outro fator citado de grande importância é a organização indígena, o movimento indígena consciente. Existe uma diversidade de lu-

tas específicas espalhadas pelo país que refletem processos históricos de reconhecimento de cidadania como pessoa indígena pertencente a um povo. Essas lutas muitas vezes batem de frente com interesses político-econômicos dominante; ou, algumas organizações praticam o paternalismo, tratam os povos indígenas sob tutela. No entanto, recorrendo ao processo histórico, os povos indígenas são capazes de protagonizarem suas histórias e serem livres de uma vez por todas do caráter tutelar.

A resistência é uma realidade que defende as identidades, as culturas e as etnias para que elas tenham qualidade de vida e que seu modo de vida seja respeitado, pela diferença e especificidade. A cosmovisão indígena ressalta a biodiversidade como centro da vida, na qual o ser humano faz parte dela, pois tudo, de alguma forma, está conectado/interconectado como fios. Tudo é sagrado, portanto, tudo merece respeito. O autorrespeito e o respeito ao próximo é uma máxima; aqui vale lembrar que esse outro pode ter forma humana, animal, vegetal, inanimada ou não. Devido à sensibilidade e ao processo da maternidade, a mulher tem relevância no processo de transformação da sociedade, pois é com ela que o homem aprende; é construindo uma nova relação equitativa, juntos, podem conseguir essa transformação.

A discussão do quinto capítulo gira em torno da “Exaltação à Terra, à Cultura e à Espiritualidade Indígenas: Tupã mostra a caminhada dos povos indígenas a Cunhataí e a Jurupiranga, através da natureza, da cultura e dos tempos”. O território e a cultura são as bases de sustentação de um povo. O território não é apenas um espaço físico, mas também um espaço ético marcado por cultura e tradição, ancestralidade, vida e biodiversidade. Não é possível separar a cosmovisão indígena desse espaço, pois é ele que legitima a existência dos demais. A exaltação da cultura é uma forma de resgate e preservação. É uma autoafirmação na poesia e na vida, de acordo com a autora. Um exemplo da valorização das etnias indígenas é a associação ao registro civil, a recuperação da força nominal do assento do nome: um nome como marca identitária, um emblema, um escudo.

No próximo “Combatividade e Resistência - resistência do casal separado em busca dos direitos humanos dos povos indígenas: a história de Jurupiranga, o guerreiro”, capítulo dedicado ao personagem masculino que vivencia a separação de sua família e a destruição/exploração do continente americano por invasores de lugares distintos do planeta; daqueles que não morreram assassinados, doenças o fizeram morrer. A luta dele (Jurupiranga) acontece simultaneamente em dois ambientes: o físico e o transcendental. O último, encontrado no self selvagem, é o que dá suporte para lutas deste mundo material.

Para encerrar a trajetória dos personagens no capítulo 7, “Vitória dos Povos: O reencontro com a identidade, o divino, o espírito, o amor – Jurupiranga ressurgiu e permanece unido para sempre com Cunhataí – Representação do amor eterno e da preservação da identidade indígena e das vivências do cotidiano”, um final de reencontros e esperança, revelando o amor, em formas diversificadas, como elemento da união, apesar de toda a experiência do massacre e da ausência daquilo que conheciam antes como mundo.

Muitos povos indígenas, em processos diaspóricos, não voltaram para suas aldeias (espaço físico/material), mas isso não quer dizer que não encontraram respostas em si mesmo e em seus pares, pois a ancestralidade não pode ser negada. Ela existe. Isso também não quer dizer que não lutaram por seus espaços, sejam eles de qualquer forma, pois a luta faz parte do que é ser pessoa indígena. A mulher e o homem indígena podem juntos construir uma sociedade mais justa, desde que não seja retirado o direito da mulher de efetiva participação, sem o machismo e o patriarcado que visa, entre outras coisas, o extermínio de relações equitativas. A mulher indígena é tão guerreira quanto o homem indígena, e precisa ser reconhecida por isso, para a transformação da realidade na qual muitos vivem, num inferno social.

Metade Cara, Metade Máscara é um bom começo para aqueles que não conhecem a literatura indígena. O espaço contemporâneo abre possibilidades de expressão artística de várias formas, assim como abre formas de acesso (mesmo que não estejam tão abertas como gostaríamos que fosse) para aquelas elitizadas, canonizadas, consagradas pelo tempo. Apesar de ser quase autobiográfico em alguns poemas, não deixa de ser coletivo ao representar uma etnia brasileira, e, certamente, não deixa de representar muitas situações, vivências e lutas dos povos originários do país.

A *máscara* que a pessoa de origem indígena é levada a tomar para si muitas vezes não é sua verdadeira *cara*. Existe o papel social a ser desempenhado por ela, mas não da maneira que a sociedade capitalista, branca, patriarcal e hegemônica espera. Este papel está muito mais voltado para lutar e resistir por seus direitos, do que simplesmente abrir mão deles; pois, ao abrir mão de seus direitos inalienáveis, significa morte simbólica e real. A cara, a face real, não fictícia, quase que evidencia a epidérmica identidade: cabelo, pele, rosto, evidenciam historicidades que não se apagam, e que revivem, de tempo em tempo, memórias adormecidas nos corpos.

Ao ler a poesia e a vida dessas pessoas indígenas, cristaliza o processo grego; a catarse envolve escritora e leitores em diversos momentos da dor no processo de cura individuais e coletivas que instigam transformações materiais, espirituais e psicológicas. O destaque é o arquétipo mental da pessoa indígena em diáspora e em conflito, que reflete toda dor que emerge e se faz presente na realidade vivida, mas que busca e encontra no inconsciente coletivo indígena significados para a sua existência e resiliência. Eliane Potiguara apresenta, em *Metade Cara, Metade Máscara*, esse processo: uma literatura engajada, literatura testemunho, literatura como ferramenta de luta, de enfrentamento do processo catártico de retomada identitária que pulula no corpo, a face da identidade feminina indígena.

REFERÊNCIAS

- ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Editora Rocco, 1999.
- POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Grumin Edições, 2019.